



A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA BUSCA DA DIREÇÃO NAS COMISSÕES TÉCNICAS NO FUTEBOL DO RN.

Autor: JOSÉ FRANCISCO DA COSTA¹

Orientador: Prof. Dr^o. João Roberto Liparotti²

RESUMO

O futebol brasileiro é o esporte de maior conquista e atuação em campeonato mundial, tem participado de todas as copas desde 1930 a 2014, conquistando entre esse período os títulos de: 1958, 1962, 1970, 1994, 2002. Quando se trata da participação das mulheres nesse espaço como jogadora de futebol de campo tem acontecido, todavia não há na mesma proporção uma representatividade no comando das comissões técnicas dos clubes femininos e masculinos. O objetivo do estudo foi analisar as causas da pouca representatividade feminina no futebol potiguar. Verificando as razões e os motivos da baixa participação feminina na história do futebol do RN. Foram entrevistada uma técnica de futebol amador e três mulheres que atuam nas comissões técnicas no futebol de alto rendimento em Natal RN. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin(2012). Tratou-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa e qualitativa. As razões, motivos da pouca representatividade das mulheres nas comissões técnicas do futebol, apontaram o preconceito, a falta de investimentos, desigualdades de oportunidades.

Palavras- chaves: Mulheres, feminino, masculino, futebol, comissão técnica.

¹ Licenciado em Educação Física UNI/RN

E-mail: pc10.negro@hotmail.com

² Doutor em Ciências da Saúde UFRN; Mestre em Educação UFPR; Especialista em Treinamento Desportivo UFPR.

E-mail: joao.liparotti@gmail.com

ABSTRACT

Brazilian football is the sport's greatest achievement and in world championship action, has participated in all the tops from 1930-2014, winning the period between titles: 1958, 1962.1970, 1994, 2002. When it comes to the participation of women in that space as a field of soccer player has been happening, but there is at the same rate one representative in charge of the technical committees of male and female clubs. The aim of the study was to analyze the causes of low female representation in Natal football. Checking the reasons and the reasons for low female participation in the history of RN football. They were interviewed an amateur football technique and three women working in technical commissions in high yield in Natal RN football. Data were collected through semi-structured interviews based on the analysis of technical content proposed by Bardin (2012). This was a descriptive research with quantitative and qualitative approach. The reasons, reasons for the low representation of women in technical football committee, pointed out prejudice, lack of investments, opportunities inequalities.

Words-keys: Women, female, male, football coaching staff.

1 INTRODUÇÃO

Em 1940, ocorreu um forte debate entre o professor Loyola e o Ballariny, da escola de medicina. O primeiro tornou público o seguinte artigo: “Pode a mulher praticar futebol”? Declarando em seguida: “mais uma conquista de Eva... o futebol”. Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios da nossa Capital iniciou a prática do futebol feminino entre nós. (...). Tal acontecimento, pelo sabor da novidade, provocou sensação e a imprensa esportiva explorou-a habilmente através de um noticiário minucioso e de propaganda intensa aumentando o entusiasmo do público e o élan das jogadoras. E as partidas repetiram-se animadas e concorridas, violentas e movimentadas, com todas as características do jogo masculino, sem mesmo lhes faltar esse complemento que parece imprescindível no famoso esporte bretão – as agressões e os socos... as nossas patrícias – belas e gentis – foram completas na exibição de seu futebol, igualaram a popularidade e o prestígio dos Faustos e dos Leônidas. A propósito desse sensacional acontecimento esportivo, inúmeras têm sido as consultas a nós endereçadas sobre este tema: pode a mulher praticar o futebol? (GOELLNER,2000). Nesse sentido, Ballariny, em seu artigo, tornou público o seguinte artigo: “por que a mulher não deve praticar o futebol”. Assim o descreveu: “ O futebol feminino é um esporte violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços; provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos feminino, proporciona um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, por exemplo, tornozelos rechonchudos, pernas grossas e arqueadas, e joelhos deformados (DARIDO p.48,2007). Nesses setenta e quatro anos, a presença da mulher e sua participação têm sido incontestáveis. No final do século XIX, inicia-se essa saga, presente em competições esportivas tais como: Remo, Ciclismo, Turfe. No século XX, Natação, Saltos Ornamentais, Esgrima, Tênis, Atletismo, Voleibol, Basquetebol, Ginástica, Futsal, judô, Handebol.

A pergunta do Loyola, ainda hoje é atualíssima, pois revela o preconceito e o papel da representatividade do feminino e do masculino na sociedade. Por sua criação, sua modificação, praticado sob sua direção, o futebol parece pertencer ao gênero da representação masculina.

No mundo e no Brasil, o futebol é hierarquizado em federações, clubes e formulado em campeonatos, torneios e praticado como forma educacional, de lazer e recreação.

O futebol brasileiro é o esporte de maior conquista e atuação em campeonatos mundiais, tendo participado de todas as copas desde 1930 a 2014, e conquistando, entre esse período, os títulos de: 1958, 1962, 1970, 1994, 2002.

Assim, os homens predominam no comando técnico dos clubes brasileiros. Isso porque a associação entre autoridade e masculinidade ainda tem grande força na percepção das pessoas, aponta Norman (2010 apud FERREIRA p.104, 2013).

Ainda há muitas restrições às mulheres na direção das comissões técnicas dos clubes no Brasil, seja nos times de formação na base, dos clubes profissionais ou amadores. Segundo Ferreira (2013), sua inserção e progressão na profissão defrontam com vários empecilhos que vão desde o preconceito até os baixos salários.

Historicamente, o futebol feminino nasce na Inglaterra no final do século XIX (1895), unido ao preconceito e chegando ao século XX (anos 1920) pregando aos demais países que aquela prática era “inadequada ao sexo feminino” (UNZELTE, 2009, p. 673).

No Brasil dos anos 80, foram criados vários times, com destaque para o Corinthians Paulista, mas que foi comunicado pelo CND proibindo o esporte.

Nas palavras de Bruhn (2000), “O futebol é visto geralmente como um esporte essencialmente masculino. Isso se dá não somente nas representações dos torcedores, mas também, como vimos acima, na legislação que o regulamenta: futebol é coisa para homem”.

Em 1981, A Liga Carioca de Futebol Feminino com oito clubes inscritos foi fundada para o primeiro campeonato de futebol no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Norte, nesse mesmo ano, foi criado o Amarante (São Gonçalo do Amarante); o Vênus (cidade da Esperança); Sociedade Esportiva pinheiro (Bairro Nazaré); União (Mãe Luiza); Mona mi (Rocas); e Viação Cidade do Sol.

Nos anos de 1990, na cidade do Natal, tinha 30 times em ação com mais de 660 jogadoras participando ativamente dos torneios e campeonatos. Entretanto, esse pioneirismo feminista em nosso Estado surge muito antes da

bola entrar em campo. Foram e são nomes positivos, consagrados pela história: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Auta de Souza, Palmyra Wanderlei, Myrian Coeli, Zila Mamede, Celina Guimarães Viana, Alzira Soriano Teixeira, Maria Magnólia Souza Figueiredo, Maria do Céu Pereira Fernandes, Virna Cristina Dantas Dias, Maria das Graças de Araújo Bezerra, Lenira Santiago da Silva, Wilma Maria de Faria, Rosalba Ciarline, Suzana Ferreira da Silva, Tereza Wallessa da Silva, Adriana da Silva Santos.

Então, pode a mulher ser técnica de equipes de futebol? Quais as causas, as razões da não participação das mulheres nas comissões técnicas dos clubes no Brasil e no Rio Grande do Norte?

2- O FUTEBOL FEMININO NO RIO GRANDE DO NORTE

Historicamente, o futebol feminino nasceu na Inglaterra no final do século XIX (1895), unido ao preconceito, chegando às primeiras décadas com mais visibilidade. É interessante ressaltar que, durante primeira Guerra Mundial, principalmente na Inglaterra, com os homens em confronto, as mulheres eram forçadas a assumir funções masculinizadas e usaram o futebol como prática para adquirir fundos para os militares em guerra. Com o término do confronto elas voltaram a ser discriminadas.

No ano de 1920, os ingleses que tinham muita força política no futebol mundial voltaram a se pronunciar, convencendo os demais países de que a prática era “inadequada ao sexo feminino” (UNZELTE, 2009, p. 673). Em Natal, antes mesmo da primeira Guerra Mundial, algumas senhoras de família recusaram o papel de simples espectadoras e começaram a se inserir nas práticas do remo, no estuário do rio Potengi (MARINHO, 2011).

Marinho (idem) ressalta que eram feitas competições femininas com direito à torcida de seus clubes, havendo tarefas como: ovo na colher, corrida de batata, argolas, das agulhas, entre garrafas, corrida da flor e luta de cordas entre senhoras. Isso prova a participação das mulheres não somente como expectadoras, mas como um segmento ativo na sociedade.

Em um artigo editorial da República – suplemento Nós, do RN, intitulado “O brilho do futebol feminino” – lê-se: “se existe algum tipo de preconceito contra mulheres jogando futebol, saibam que nos primeiros anos do século passado o comandante Antônio Monteiro Chaves, ex-dirigente da escola de Aprendizes Marinheiros e capitão dos portos do Estado do Rio Grande do Norte, chegou a promover competições de futebol feminino na Praça Pio X. Suas próprias filhas jogavam nos dois clubes daquela época.

“As diferentes opiniões sobre o gênero feminino em relação à prática de atividades desportivas, parte da sociedade brasileira e foi suficiente para o General Newton Andrade Cavalcante, presidente do CND³, em 1941 através de Decreto lei Nº 3199\41 que vigorou até 1975. Este, por sua vez, censura as mulheres à prática de algumas modalidades desportivas. Já em 1965, o regime militar, por meio de uma Deliberação Nº 72, proibiu a prática do futebol e outros

³ O Conselho Nacional de Desportos foi um órgão administrativo extinto do Brasil em 1993, voltado para os esportes, criado pelo Decreto-Lei n. 3.199.41

esportes que, em 1979, foi revogada pela Deliberação Nº 10, baixa instrução às entidades desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres.

2.1 - Dos discursos

Verificando os motivos dos principais problemas do futebol feminino e as causas principais do pequeno número de mulheres nas comissões técnicas, suas experiências, representação, interesse pelo futebol, seus relacionamentos nas comissões, e se uma mulher pode ser técnica de futebol no RN.

ENTREVISTA 1

Lenira Santiago da Silva

1. *O que representa o futebol para você?*

- “paixão, o futebol tá no sangue pra mim”.

Essa representação colocada por Lenira, ao declarar que futebol é “paixão”, “tá no sangue”, nos transmite que o futebol é o sentimento muito intenso, com extrema dedicação, e está dentro dela, é obsessão ardente.

2. *Como surgiu o seu interesse em jogar futebol?*

- “ah... quando comecei tinha (9) nove anos, ficava nos campos de futebol, ficava olhando os meninos jogar e dava vontade... começava a jogar **e toda tarde fugia, eu fugia de casa, apanhava**, mas vivia ali, eu queria ser uma **profissional, me inspirava em Vampeta, Carlos Alberto Torres e Rivelino**”.

Nessa expressão “toda tarde eu fugia de casa, apanhava”, para sua mãe era uma transgressão à ordem, porque estava proibida de jogar futebol. Então, Lenira precisava de uma autorização para jogar. Contudo, ela tinha um sonho: a esperança de ser profissional. Nas palavras de Goellner (2000, p. 91), “transgressão porque faz valer suas aspirações, desejos, necessidades, fantasias, vaidades e prazeres enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem. O futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio, o julgamento de quem pode / deve praticá-lo ou não”.

3. *Quais os principais problemas do futebol feminino no Estado?*

-**Federação, dirigente de clubes, federação, falta de investimento, presidente de clubes é a discriminação em geral**, pelo menos no meu tempo né? Faz seis (6) anos que eu não acompanho. Eu fui agora assistir à final. Eu nunca vi um campeonato com duas equipes? Só teve duas, né? E da professora Vanderleia e o União, né? mas fazia tempo que eu não ia, porque eu fiquei decepcionada com o futebol feminino no Rio Grande do Norte, diferença quando eu joguei o primeiro estadual aqui eram 16 (dezesesseis) equipes (*risos*), aí ver uma final com duas equipes depois de (10) dez anos, né? é triste demais pra quem gosta de futebol, e triste é que a prefeitura, o estado era pra fazer o campeonato estadual, era pra... monte, muitas vezes eu viajo com o sub-13 masculino, sub-15, sub-17 e adulto. Quando eu vou viajar, o povo pede 'traz o feminino', só que eu não quero trabalhar com o feminino, porque as meninas estão tudo nos clubes, às vezes aí digo, vamos jogar em tal canto, aí, Lenira! se der, eu vou, mas não é aquela consideração né? assim eu já jogo no meio dos veteranos, não preciso jogar com mulher, também estou encerrando, né? mas que eu fico triste pelas que estão começando agora, porque não tem, é assim, **uma pessoa do poder de Natal que faça** o futebol feminino crescer, que tem muitas meninas que jogam muito, e eu conheço quem joga bem”.

Nas palavras de Lenira, os principais problemas do futebol feminino são: Federação, dirigentes de clubes e falta de investimento. Entendendo aqui federação como organizadora maior do nosso futebol, os dirigentes em seus clubes responsável pela ação em seus clubes. Está muito nítido: é a falta de um departamento por parte da federação e dos clubes que organizem, e otimizem o futebol feminino, pois parece não haver um planejamento, uma política para, em ambos, movimentar o futebol feminino em suas hostes. Há a falta de investimento que não tem acontecido, apesar de ser um direito. Nas palavras de DARIDO (2002) “em meados da década de 80, a televisão passou a exibir os jogos de futebol (...) o esporte é um ótimo investimento, já que o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para os investidores, sendo que, para a mídia em geral, o esporte

é uma fonte inesgotável de notícia, de público e de lucro”. Imaginemos que a falta de um projeto consistente em uma política pública para o futebol feminino, que dê autonomia às instituições comunitárias, clubes, federações e escolas por quem deve ser encaminhado a política do esporte, seja na esfera federal, estadual e municipal⁴.

4. *Quais as causas principais de pequeno número de mulheres nas comissões técnicas em equipes de futebol?*

- “porque não acredito, porque eu como técnica, eu dou num bucado de treinador que vem aí pro ABC, pelo amor de Deus! é preconceito mesmo.”

5. *Já ouviu frases do tipo: “vai ficar masculinizada” ou “mulher é pra dançar” ou “lugar de mulher é na cozinha / tanque” “futebol é pra homem e não mulher” ou outra?*

- “Acho quem mais ouviu foi eu, eu fui a primeira mulher a jogar futebol, eu joguei seis (6) anos no meio de homem, né? Então, quantas vezes eu tô na pelada a mulher chega, leva o marido, ‘jogar no mei de mulher’, **‘essa macho e feme’ seio que, né? e futebol foi feito pra homem, mulher tem que tá na cozinha** e em muitas vezes disse: então ‘faz o almoço que eu chego já lá pra almoçar, é, nunca eu fiquei calada, era’ ”.

Nas palavras expressadas por Lenira, nas perguntas em relação às causas do pequeno número de mulheres nas comissões técnicas e frases do tipo: “Vai ficar masculinizada”, “futebol é pra homem e não mulher”, “essa

⁴ Art.217. É dever de o Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:

- I- a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;
- II- a destinação de recursos públicos para promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;
- III- o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional;
- IV- a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

Brasil. [Constituição (1988, p.157)]

Constituição da República Federativa do Brasil 1988 [organização, Editoria Jurídica da Editora Manole]. Barueri, SP: Manole, 2004.

macho e fêmea”, está expressa em suas próprias palavras: “pelo amor de Deus! É preconceito mesmo!” Assim, está concebido nessa expressão carregada de preconceito, clichês, tabus e totalmente estereotipada que ainda resistem ao tempo, impostos pela sociedade uma segregação contra a mulher. Além disso, vejo também que é além de preconceito, é algo mais forte, é uma separação. Silva (1998 apud Silva Fetter & Elisa, 2011, p. 112) fortalece nosso pensamento: “isso se torna evidente nas restrições e exigências referentes às jogadoras de futebol, constantemente ameaçadas com rótulos de “sapatão” ou de mulher-macho. Essa discriminação sexual é enfatizada pela família e reforçada pela escola, no trabalho e pela sociedade em geral. A acusação de homossexualismo é uma forte evidência do preconceito que na atualidade é retratada pela imprensa, através de permanente exigência de uma relação heterossexual”. Com relação ao pequeno número de mulheres nas comissões técnicas, em especial no comando técnico, Silva Fetter & Elisa (2011, Idem) apontam que “o baixo número de mulheres técnicas pode ser resultante da escassez de modelos desse papel, o que pode proporcionar um efeito negativo nas atletas mulheres”. Ou seja, as mulheres técnicas invisíveis, as atletas, alunas da Educação Física, não teriam em quem pudessem se espelhar.

6. Como foi (é) sua experiência de pertencer a comissão técnica no futebol?

- “É assim, eu tenho um projeto com 180 crianças, mas eu tenho um time, né? faz três (3) anos que eu boto no campeonato de Nova Natal, sempre eu saio nas quartas, porque, nas oitava porque, meu time ele joga, ... Mensalidade dos árbitros é noventa e cinco reais, então, cada um tem que trazer cinco reais, vim com gracinha ‘hoje eu não tenho então eu dou nem material, porque quem não tem cinco reais? Então, é mais fácil ele ter cinco reais? De que eu ter noventa e cinco (95), entendeu, faz três (3) anos que eu boto no Nova Natal e não chego na final, não por falta de time, é porque o meu, cada um traz cinco reais aí joga no seu ganhando cinquenta (50), aí, dá um migué em mim ganhando cinquenta (50) aí eu peço jogo, porque os melhores vão jogar em outro canto ganhando(...) no estadual, botei há 6 anos na federação, na federação só pensa em dinheiro, não tem condições”.

7. *Como você se relaciona com os meninos (as) no comando técnico de futebol?*

-“ como educadora, mãe e técnica eles me respeita desse jeito”.

A experiência de lidar com as crianças de seu projeto é de sacrifício, esforço, desafios, pela falta de uma política para com o esporte, mas o seu relacionamento com os meninos é como uma educadora, uma mãe, mas age como técnica, “eles me respeitam desse jeito”. Essa tríade mãe, educadora e técnica acaba induzindo a sociedade ao fortalecimento de mãe cuidadosa. É uma construção da imagem materna e, como técnica, uma ação de buscar, de lapidar talentos, principalmente nas categorias de base. Goellner (2003) coloca: “à mulher é dada a condição de trabalhadora e participativa das cidades, desde que essas funções não comprometam sua função natural: a maternidade, sendo que esta última coroa a existência feminina. À mulher cabe, dessa forma, preparar o indivíduo para o futuro, formá-lo para a sociedade, aplicar a sua função materna dentro do esporte”.

8. *Pode uma mulher ser técnica no futebol feminino no RN?*

-“pode sim, eu queria ter dinheiro pra pagar a eu mesmo pra treinar o ABC, porque só vem faulta (risos)”.

A afirmativa “pode sim”, nos dá esperança, pois, temos já mulheres trabalhando como técnicas em times de base e amadores (as), contudo, essa pergunta, talvez não mais caberia se as autoridades brasileiras dos esportes cumprir o que foi estipulado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para que, no ano 2000, tivéssemos dez por cento no mínimo de mulheres nas comissões técnicas, direções, nas entidades esportivas olímpicas. Neste início de século, aqui no Rio Grande do Norte, o número de mulheres estaria bem melhor, mas acredito também que só quantidade talvez não resolveria o caso, pois nessa sociedade machista é preciso a mulher especialmente as que estão no esporte como atleta, técnica\treinadora, pertencer também as comissões técnicas é preciso se qualificar, ter conhecimento, ser dedicada para enfrentar as barreiras machista, baseada na familiaridade e favorecimento (Nascimento,p. Bellan, A.D.& Frascareli, S.L. 2011, p. 209)

ENTREVISTA 2

Karla Silvero Dias Pinheiro de Siqueira (nutricionista esportiva – América Futebol Clube)

1. O que representa o futebol para você?

- “Hoje, o futebol encaro de **forma profissional**, por coincidência, eu torcia pelo América, meu pai, meu marido, todo mundo é torcedor americano, mais assim como a mulher não entra muito nessa de jogos, assistir jogos e tudo. Fui algumas vezes ao estádio, mas hoje em dia, ele é muito mais como é uma **paixão**, é minha profissão, a gente acaba né? Vendo o futebol também, como quase uma filosofia, a gente acaba abraçando o time e torcendo junto. Mas é, eu encaro como forma **profissional**”.

2. Como surgiu o seu interesse pelo futebol

- “Na verdade iniciei no consultório, comecei a atender pacientes que eram desportistas e não atletas profissionais. Começou a surgir o interesse pela nutrição esportiva né? Sim, trabalho com atletas, por coincidência no mesmo consultório do Dr. Meterling e **surgiu a oportunidade** e eu fui trabalhar no América e aí é o primeiro trabalho com atleta jogador de futebol já fazem cinco (5) anos, aí surgiu o interesse, **comecei a estudar sobre o assunto, me aperfeiçoar** e hoje sou a nutricionista do time”.

3. Quais os principais problemas do futebol feminino no Estado

- “Tive oportunidade, acompanha (...), pude perceber são **poucos investimentos**, ainda **existe preconceitos**, (...) a questão até, em alguns colégios não tem incentivos desde pequenas para praticar o futebol, acho que os principais é a questão de investimento e preconceito acredito sejam os pontos negativos”.

4. Em sua opinião: quais as causas principais de pequeno número de mulheres nas comissões técnicas em equipe de futebol?

- “(...) é o **preconceito** também, né? A gente acaba, como existe, todo ambiente masculino, o trabalho no futebol profissional, num ambiente

masculino, então o incentivo já não se sente, não se tem incentivo, pela questão de podermos, às vezes, acha que a mulher, ela, não vai ter força, para esta lá naquela posição, garra, né? Perante todos os homens, mais uma vez, estando lá, a gente percebe (...) a gente vai quebrando esses paradigmas, essa coisa, e aí vai abrindo portas para outras mulheres também trabalharem nas comissões técnicas (...), até no futebol feminino são poucas mulheres que trabalham na comissão (...) **é estudar, é mostrar eficiência** e quebrar esses **preconceitos**, mas eu acho que é **preconceito** o principal ponto negativo.”

5. *Já ouviu frases do tipo: “Vai ficar masculinizada”, “mulher é pra dançar”, “lugar de mulher é na cozinha\tanque”, “futebol é pra homem e não mulher”?*

- “Não, nunca passei por esse tipo de constrangimento, até porque sou a nutricionista e geralmente as nutricionistas são mulheres, eu já escutei tipo assim: **“ah, se você fosse homem, poderia viajar com agente, assim, ah, se você não fosse casada, filhos,** eu acho que tem mais pra esse lado (...) não escutei muito não, por outro lado eu recebo elogio que também é uma forma de preconceito (...) apesar de que você ser mulher, você consegue acompanhar, por respeito. (...) você vai ficar “masculinizada essa questão não” (“...”).

6. *Como foi (é) sua experiência de pertencer a comissão técnica no futebol?*

- “É uma experiência muito boa, a gente leva por toda uma vida até porque o futebol é diferente de outras empresas, que a gente trabalha muito tempo com o mesmo diretor, chefe e lá é muito mais dinâmico né? Assim as coisas mudam muito rápido, então, as pessoas que estão comandando têm vários tipos de pensamento, postura (...), você tem que impor o seu conhecimento, sua força como nutricionista, como conhecedora daquilo ali, para diferentes pessoas(...). É que são homens né? Geralmente o homem tem essa postura de ser chefe (...) é válido, e profissionalmente vários tipos de atletas, posições diferentes (...), tratar cada um de uma forma diferente nutricional mente falando, cada um tem suas necessidades, (...).

7. *Pode uma mulher ser técnica de futebol no RN*

- “Sim com certeza, ser técnica de um time, é ser conhecedor de todos os pré-requisitos? Né, hoje em dia, agente ver os técnicos, eles não podem ter o extinto de ser técnico, ele tem que saber, tem que estudar e qualificar, estudar e aprender e ter a, força e o comando tá de dentro (...) eu acho, por ser mulher nada que impeça que ela seja técnica de um time de futebol, e que faça parte da comissão como nutricionista, como técnica, treinadora (...) só cabe a nós mostrar que temos essa capacidade”

ENTREVISTA 3

Célia Cristina de Souza Dantas – Nutricionista do Globo Futebol Clube.

1. *O que representa o futebol para você?*

- “Depois dele ter caído, né? de pára-quedas, ele passou a representar algo **além de que uma oportunidade, né? De profissão**, passou a ser meu ganha-pão, né? também (...) mais pra querer é da melhor de si pra o desenvolvimento daquele time (...) toda uma comissão, ela foi re-planejada, porque muitos componentes saem do clube, porque requer uma, mais preparação para entrosa todo grupo, novamente,.. então, hoje o futebol, ele muito importante por ser... eu passo mais tempo no globo de que em minha casa, é de oito (8) da manhã às cinco (5) da tarde de segunda à sexta, então, não tem como o futebol não representar algo importante na minha vida, por conta disso.

2. *Como surgiu o seu interesse pelo futebol?*

-“ Assim... para ser bem sincera, o futebol surgiu na minha vida **como oportunidade de trabalho**, sinceramente, (...) assim antes da graduação eu sempre fui bem ativa em relação ao esporte, a modalidade de esportiva, desde a natação, a ginástica rítmica, ao handebol, então eu passei um pouquinho em cada modalidade, mas não especificamente no futebol né? até por conta da escola não ter essa proposta de um time feminino, mas também até me interessava um pouco, então (...) a gente tem toda uma preparação, mas pra essa área esportiva, o currículo do meu curso, ele não oferecia uma disciplina que focasse na nutrição esportiva (...) e a primeira oportunidade que tive de carteira assinada foi no Globo por indicação, aí no início fiquei um pouco

apreensiva, por não ter tido como eu falei anteriormente, essa experiência na graduação, né? a gente já se sente segura (...) tanto por ser o meu primeiro emprego (...) gosto de futebol, gosto de assistir, o futebol, mas não imaginava que um dia eu trabalhava num time de futebol (...) o futebol apareceu meio de paraquedas na minha vida como profissional, mas já tinha essa paixão antes né?, (...) de torcer pelo ABC e o Corinthians de São Paulo e agora o Globo(...) e torce pra valer.”

3. *Quais os principais problemas do futebol feminino no Estado*

- “Primeiro... **por muitos acharem que o futebol é para homem e não para mulher, desde as escolas que no caso é o primeiro contato com os esportes em forma em geral na maioria dos casos**, é um meio que aproxima a criança, o adolescente da modalidade esportiva, daí **já começa essa diferenciação**. De não ter alguns esportes ditos masculinos. Para as meninas, então começa daí, e, quando vai para o lado profissional, já lá na frente, como é um ambiente muito masculino, a gente, o próprio clube, ele não se estrutura para receber a mulher por exemplo, a rouparia lá do Globo, antes ela era num espaço mais isolado, quando ela passou a funcionar ao lado do vestiário as mulheres que trabalha lá, tiveram que ser remanejada para outro setor, por que tinha... ficou tipo um buraco assim na parede, que as pessoas visualizavam quem passava no vestiário, então poderia passar um homem com traje né? Mínimo e causa algum constrangimento ou no próprio vestiário, eu não posso entrar a qualquer momento, se eu quiser utilizar o banheiro é uma coisa que eu tenho que me dirigir a outro banheiro, porque não tem banheiro só pra mulheres, e assim vai os alojamentos, então assim não tem estrutura que receba a gente, quando acontece, de acontecer essas situações (...) o jogador às vezes se sente mais constrangido de que (*riso*) as mulheres, né? No caso, alguma atividade que também compete a minha profissão (...) como a avaliação antropométrica que tanto o educador físico e eu sentia vontade de fazer, mais até então, isso ficava pra ele porque os jogadores não se sentia à vontade, entendeu, isso aconteceu (...) tem muitas situações que eles mesmo, criam, essa resistência em lidar com o público feminino, não parte nem às vezes da mulher, mais do próprio homem quanto em resistir essa atenção do sexo dito frágil, né? (*risos*)”.

4. Já ouviu frases do tipo: “Vai ficar masculinizada” “mulher é pra dançar” “lugar de mulher é na cozinha/tanque” “futebol é pra homem e não mulher”?.

- “Nenhuma dessas específicas, mais assim tiveram alguns amistosos nesses últimos meses, e eu brincando, ah, eu vou nesse amistoso no ônibus com todo mundo, aí um supervisor foi e disse, ‘não dá certo não, só é homem dentro do ônibus, mulher não tem vez não’, como assim, não tem, qual o problema? Que vocês fazem de tanto espetacular dentro do ônibus que uma mulher não possa presenciar (...) no fundo você fica, qual o problema, você não faz parte da comissão, você não acompanha todo **processo de treinamento que muitas pessoas acham, como nutricionista, só si limita a cozinha**, mais são funções muito além disso, né? A gente acaba lidando como eu falei, eu passo muito tempo lá, às vezes eu acabo entrando e intervindo e assim acaba criando laços de amizades também, tanto alguns jogadores que as pessoas pensam que tem um distanciamento muito grande, né? ah, é verdade que você ver os jogadores de lá sempre (...), principalmente por ser mulher e não ter esse acesso, não gente! É aberto (...) a gente tem que ficar cobrando mais. Mais não teve nenhuma frase, assim muito pejorativa, pra mim diretamente, pelo menos, na minha frente eu não sei, por trás, nos bastidores o que falam tanto”.

5. Como é sua experiência de pertencer a comissão técnica no futebol?

-“Assim... eu fico muito feliz, em poder fazer La, porque é um empresário que é responsável por tudo, praticamente, hoje ele não conta com patrocínio (...), algumas coisas do meu trabalho ficou limitada em relação a isso, por não ter dinheiro suficiente pra gente fazer o que gostaria, tanto né?, minha parte, como dos outros profissionais da comissão, mas de forma geral , a gente sempre trabalha com o dialogo muito aberto, o grupo é muito bem entrosado (...)tem algumas coisas , assim que eu fico né?, sou da comissão no nome, no trabalho , mas algumas divisões de fato, fico um pouquinho de lado por ser mulher também. Mais no geral, fico muito satisfeita (...)”.

6. Pode a mulher ser técnica no futebol do RN?

- “Com certeza a pessoa tem que se dedicar né? Assim como eu tive uma insegurança no início de atua na minha própria profissão, então se as pessoas,

elas querem aquilo ali, elas, tem que acreditar e se esforçar e chegar lá né? A gente vê hoje, muitas mulheres são mais apaixonadas pelo futebol do que os próprios homens, então tem que ter aquele espírito de liderança, gostar do que faz, e se especializa, naquilo ali, e são requisitos básicos pra gente ser, seja o que for e nesse caso, eu não acredito numa diferenciação de gênero, seja o requisito principal, mas assim a qualidade naquilo que se faz, acho assim, possível”.

2.2 Dos discursos das nutricionistas

Karla Silvero e Célia Cristina, diante das perguntas 1 e 2 o que representa e como surgiu o interesse pelo futebol, elas encaram isso como forma profissional e de prover oportunidades. Nesse sentido, Karla Silvero conta que sua família toda, torce pelo América e nos cinco anos de América está estudando e aperfeiçoando-se e Célia Cristina considera ainda como um “ganha-pão”. Então, nas palavras de Ferreira (2013) oportunidades se “refere às expectativas e perspectivas futuras de inserção, mobilidade e ascensão na carreira. Os profissionais com poucas oportunidades tendem a limitar suas aspirações a valorizar sua competência”.

Em seguida elas colocam que os principais problemas no futebol feminino e o pequeno número de mulheres nas comissões técnicas estão no preconceito e poucos investimentos. No tocante ao preconceito citado por Karla e nas palavras de Célia Cristina que “por muitos acharem que o futebol é para o homem e não para mulher desde as escolas (...) já começa essa diferenciação”. GOELLNER (2000, p. 83) explica que diferença de gênero se constroi na sociedade e na cultura indicando papeis adequados aos homens e mulheres: forma de vestir, as profissões, entre outros. Com isso, a pequena participação da mulher em cargos técnicos no RN dependerá de um processo natural. Para Karla Silvero “há poucos investimentos”. Isso significa que há um investimento muito pequeno, então apontamos que é preciso um projeto consistente em uma política pública para o futebol feminino que as instituições comunitárias, clubes, federações e escolas tenham autonomia. Assim, ficamos com Darido (2000) cuja observação afirma que o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para os investidores. Por outro lado, em recente estudo, Ferreira (et al., 2013. Op. Cit,

p.112) apontam alguns motivos associados à baixa representatividade feminina no comando esportivo: 1) barreiras enfrentadas pelas técnicas; 2) dificuldades de ascensão na carreira; 3) aceitação feminina na exclusão; 4) falta de mulheres com perfil para o cargo; 5) desistência da carreira. Ferreira (2013) mostra que nos trabalhos de Acosta e Carpenter (1994) encontraram as causas percebidas pelas técnicas para a pequena atuação feminina no comando esportivo, as quais são: o sucesso da rede de contatos masculinos, o fracasso da rede de contatos feminina, a falta de suporte de programas e política para mulheres, a discriminação e reprodução homologada no processo de contratação, a ocorrência da síndrome de Bunourt entre as mulheres e conseqüentemente o abandono da carreira.

Em relação às frases do tipo “vai ficar masculinizada”, “mulher é pra dançar”, “lugar de mulher é na cozinha\tanque”, nenhuma delas, especificamente, foram ouvidas pelas nutricionistas, mas elas tem ouvido expressões tipo: para Karla “ar, se você fosse homem, poderia viajar com a gente, assim, ah, base você não fosse casada, filhos”. Já Célia Cristina ao pedir para acompanhar a equipe para os amistosos, a resposta do supervisor foi incisiva: “não! dá certo não!, só é homem dentro do ônibus, mulher não tem vez, não.” São expressões com características sutis e de forma direta, porém ambas estão explícitas no tocante à questão do preconceito, bastante revelador na diferença de sexo: “se você, fosse homem”; “ só é homem dentro do ônibus”. Essas são diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam o “ser macho” ou “ser fêmea” Goellner (2000). “Ah! Se você não fosse casada, filhos”, prova que ainda persiste que em qualquer profissão, ou qualquer cargo que a mulher venha assumir, estes clichês de mãe sempre aparecem. A afirmação de Elisa & Silva Fetter (2011, p. 191) mostra que “sua função de ‘provedora do lar’ é vista como outra barreira, impedindo o sucesso na carreira. O grande número de viagens, jogos aos finais de semana, quantidade de horas dispensadas com as\os atletas e com os treinamentos, entre outras características do esporte de alto rendimento, são constantemente postos como concorrente à opção da maternidade e do casamento”.

Pedindo para conta sua experiência em pertencer a comissão técnica de seus respectivos clubes, Karla Silvero (América FC) afirma que “o futebol é

diferente de outras empresas, o futebol é muito mais dinâmico, fazendo com que as mudanças cheguem mais rápidas”. E, nessa situação, Karla ainda coloca: “você tem que impor o seu conhecimento, a sua força como nutricionista, como conhecedora daquilo ali”. Já Célia Cristina (Globo E.C) declara que apesar de o trabalho dela está limitado por insuficiência de recursos, tem o diálogo, o entrosamento como ferramentas, e faz com que essas dificuldades sejam superadas, mas que esta seja muito satisfeita.

Essas declarações provam o protagonismo dessas mulheres em seus clubes, tomando decisões através do diálogo, com conhecimento, mostrando caminhos percorridos e há percorrer, buscando ocupar profissionalmente lado a lado com os homens na sociedade. Assim, Borges (et al, 2006, p.112), aponta: “Na vasta literatura que aborda a história dos movimentos de luta das mulheres em busca da dignidade e do reconhecimento social em situação de igualdade em relação aos homens, encontramos frequentemente alusão às conquistas que foram sendo alcançadas em diversas culturas, não sem pouco sofrimento, resistências e martírios, mas, o resultado pode ser visto claramente hoje nas diversas ocupações de posições que as mulheres mantêm em uma sociedade que ainda está orientada por valores preponderantemente masculinos.

Pode uma mulher ser técnica de futebol no RN? Ambas responderam “Sim, com certeza”, Karla (América FC), “(...) hoje em dia os técnicos têm que saber, tem que estudar e qualificar. (...) eu acho que, por ser mulher, nada que impeça que ela seja técnica (“...), só cabe a nós mostrar que temos essa capacidade”. Para Célia Cristina (Globo F.C), “muitas mulheres são mais apaixonadas pelo futebol do que os próprios homens, então tem que ter aquele espírito de liderança, gostar do que faz e se especializar”.

Como fora mencionado anteriormente, isso nos traz uma esperança, pois, já há mulheres trabalhando como técnicos em equipes de base e amadores (as), contudo, essa pergunta, talvez, não mais caberia se as autoridades brasileiras dos esportes cumprissem o que foi estipulado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para que no ano 2000 houvesse dez por cento, no mínimo, de mulheres nas comissões técnicas, direções nas entidades esportivas olímpicas.

Se isso estivesse acontecido no Rio Grande do Norte, o número de mulheres nas comissões técnicas estariam bem melhores, acredito também que só quantidade talvez não resolvesse o caso, pois nessa sociedade machista é preciso que a mulher, especialmente, as que estão no esporte como atleta, técnica\treinadora é preciso se qualificar, ter conhecimento, ser dedicada para enfrentar as barreiras machistas, baseada na familiaridade e no favorecimento (Nascimento, P. Bellan, A. D. & Francareli, S. L. (2011, p. 2009).

ENTREVISTA 3

Kaline Oliveira Rodrigues (Assessoria de Comunicação do Globo)

1. O que representa o futebol para você?

- **“Minha família sempre gostou de esportes, né? É o ambiente familiar, esportes, televisão, essas coisas... desde pequena já jogava na rua, esse tipo de coisa, já comecei a treinar. Quando eu cheguei na alfabetização, a estudar no Sagrada Família, que é uma escola de Natal que é muito forte no handebol e lá realmente a prioridade era essa modalidade, o Handebol, então é... fiquei lá até a segunda série (...) na terceira série, comecei a ir pra outra escola, Salesiano que é uma escola católica, é, e eu continuei **fazendo Handebol é... apesar de não ser meu esporte predileto, eu sempre gostei mais do futebol mesmo, do futebol mais sempre teve isso de não ter a modalidade, de... então, como eu não queria ficar sem fazer nada, acabei continuando no handebol mesmo, não sendo meu predileto.(...) é porque, eu via nos jogos internos que a única época que tinha futsal permitida lá para meninas, era nos jogos internos então chegava dar mais time que o masculino, será que não dá para ter treino?, será que não dá pra montar um time já que nos jogos internos existe, existe uma demanda, sempre tinha uma desculpa, sempre tinha alguma coisa, falava assim, não tinha, ai uma jogadora sofreu um acidente, a gente não tem mais, como se não fosse uma coisa de todo esporte, que não pudesse acontecer, **então fiz um abaixo-assinado, percebendo que tinha essa demanda, e essa vontade das meninas, mas não atendida não**”.****

2. Como surgiu o seu interesse pelo futebol?

- “como eu disse, né? Sempre eu joguei na rua (...) então nunca tive, só meu irmão mais velho, aconselhou assim, faz isso, você vai jogar melhor, (...) aí, quando eu entrei na universidade, eu não sabia que tinha esporte aqui, é que era disponível (...) acho inclusive que é uma falha da universidade não comunicar logo, é... é você tem que ir atrás realmente para descobrir se tem, é... teve uma competição aqui dos jogos universitário né? Aí, meu setor acabou fazendo um time pra competir, o CCHLA, o técnico do masculino na época, porque o time do futsal também tava parado e ia voltar, com o técnico do futsal masculino, e, ele viu nessa competição e chamou alguns atletas pra fazer um time, ele me chamou, me mandou email (...), sendo que a gente só começou a treinar seis meses, depois, mas assim (...) já era um ano e meio (...), eu já estou no 4º ano (...) já participei em competição estadual, regional e brasileiro é... representando o meu Estado é coisa que eu nunca tinha imaginado, assim que eu falo, aí, minha mãe nem gosta, que pratico esporte, assim futsal, “olha, minha filha lá em Vitória, representando a universidade, tá jogando. Eu acho que é dessas coisas que mais vou sentir falta porque, essa coisa de equipe, a gente acaba se apegando muito mais (...) em março de 2014, pelo projeto **UFRN na copa**, a gente pôde começar o futebol masculino ou o futebol feminino e que era uma coisa assim, todo mundo que jogar, todo mundo, vendo na televisão o tempo inteiro né? Mas a dimensão do campo as vezes é mais difícil do que quadra e toda escola tem (...) ah, mas realmente o futebol é um pouco difícil, e principalmente o feminino né? Então a gente começou a praticar, já teve competição que a gente pode participar (...) isso motiva (...)”

Nas palavras de Kaline, o apoio da família foi fundamental para sua prática de esportes, pois a influenciou bastante, mas não pôde fazer o que queria, que era jogar futebol. Assim, veja seu depoimento:

“Eu continuei fazendo Handebol é... apesar de não ser meu esporte predileto, eu sempre gostei mais do futebol mesmo, do futebol mais sempre teve isso de não ter a modalidade, de... então, como eu não queria ficar sem fazer nada, acabei continuando no handebol mesmo, não sendo meu predileto.” (...) é porque, eu via nos jogos internos que a única época que tinha futsal permitida Lá para meninas, era nos jogos internos então chegava dar

mais time que o masculino, será que não dá para ter treino?, será que não dá pra montar um time já que nos jogos internos existe, existe uma demanda, sempre tinha uma desculpa, sempre tinha alguma coisa, falava assim, não tinha, aí uma jogadora sofreu um acidente, a gente não tem mais, como se não fosse uma coisa de todo esporte, que não pudesse acontecer, então fiz um abaixo-assinado, percebendo que tinha essa demanda, e essa vontade das meninas, mas não atendida não”.

Essa atitude de Kaline nos mostra que é urgente que as escolas façam uma reflexão sobre representatividade de seu (as) alunas (os) no domínio de masculinidade e feminilidade, mesmo a escola assumindo a postura do silêncio, do calar, da exclusão, ela não se intimidou, fez valer seu direito de reivindicar, de lutar, de ser cidadã. Entretanto, infelizmente, não foi atendida em seu pleito de apenas “treinar futsal”. GOELLNER (2000, p.93) corrobora também com as angustias de Kaline. Segundo autor, “e para as meninas, por que a escola não trabalha o futebol com um conteúdo de ensino, como fez com a dança, a ginástica, o voleibol e outras práticas corporais e esportivas? Por que ainda coloca em dúvida a ideia de que a prática do futebol pode vir a interferir na construção de sua identidade pessoal e sexual?”

3. Quais os principais problemas do futebol feminino no Estado?

-“é... como as outras entrevistas, eu concordo com as meninas né? Que os dois principais problemas que a gente tem no futebol feminino, **são a falta de investimento, e o também o preconceito**”.

4. Quais as causas principais de pequeno número de mulheres nas comissões técnicas em equipe de futebol?

-“é... **pela falta de investimento, a gente acaba não tendo tantas equipes assim**. Se houvesse mais equipes, também, haveriam mais oportunidades da gente tá trabalhando na comissão técnica, né? Nós mulheres, eu acredito, também, no preconceito nas equipes que já existe (...) é preferência, seja mais no gênero masculino, então as mulheres ficam um pouco de fora”.

Em seguida, ela coloca que os principais problemas no futebol feminino e o pequeno número de mulheres nas comissões técnicas estão no preconceito

e na falta de investimentos. No tocante ao preconceito citado por Kaline é citada nas palavras de GOELLNER (2000, p. 83) explica que a diferença de gênero se constroi na sociedade e na cultura indicando papéis adequados aos homens e às mulheres: na forma de vestir, nas profissões, entre outros. Então, a pequena participação da mulher em cargos técnicos no RN dependerá de um processo natural. Com relação à falta de investimentos. Isso significa que os investimentos não chegam ao seu destino, então apontamos que é preciso de um projeto consistente em uma política pública para o futebol feminino, que as instituições comunitárias, clubes, federações e escolas tenham autonomias. Assim ficamos com DARIDO (2000) o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para os investidores. Por outro lado, em recente estudo FERREIRA (et al, 2013, Op. cit. p. 112) apontam alguns motivos associados à baixa representatividade feminina no comando esportivo: 1) barreiras enfrentadas pelas técnicas, 2) dificuldades de ascensão na carreira, 3) aceitação feminina na exclusão, 4) falta de mulheres com perfil para o cargo, 5) desistência da carreira. Neste contexto, FERREIRA (2013) ainda mostra que nos trabalhos de Acosta e Carpenter (1994) foram encontradas as causas percebidas pelas técnicas para a pequena atuação feminina no comando esportivo são: o sucesso da rede de contatos masculinos, o fracasso da rede de contatos feminino, falta de suporte de programas e política para mulheres, discriminação e reprodução homologada no processo de contratação, ocorrência da síndrome de Bunourt* entre as mulheres e, conseqüentemente, o abandono da carreira.

5. já ouviu frases do tipo: “vai ficar masculinizada” ou “mulher é pra dançar” ou ainda “lugar de mulher é na cozinha/tanque” e “futebol é pra homem e não mulher”?

- **“já... infelizmente, já escutei já e desde muito nova...** quando tinha oportunidade de jogar na escola, é... pré-adolescentes, infelizmente, já, a gente tinha que lidar com esse tipo de coisa, uma idade que eu nem, nem fazia, nem ideia (...) acredito que as pessoas que falam não tem ideia do que estão falando, eles, porque a sociedade acaba costumando eles né? (...) com esse ambiente machista sabe, ideia de mulher não poder fazer certas coisas, então infelizmente desde pequena que eu escuto essas coisas “vai ficar

masculinizada, que se joga futebol é porque... é parece com homem, que gosta de mulher também, (...) é infelizmente já aconteceu já como atleta né? Como profissional de assessoria de imprensa do Globo, ainda bem, eu nunca escutei”.

Como discutimos anteriormente, essas expressões foram construídas ao longo do tempo pela cultura e na sociedade, são expressões estereotipadas, clichês, tabus que ainda resistem ao tempo, impostas pela sociedade, vejo também que ao citar “como profissional de assessoria de imprensa do Globo, eu nunca escutei”, talvez este silêncio, esteja impregnado de preconceito. A subjetividade é algo invisível que só o sujeito carrega em sua consciência, mas se trazer consigo o preconceito, ele é transformado em separação, em segregação contra a mulher. SILVA (1998, apud SILVA FETTER & ELISA, 2011, p. 112) vem a fortalecer nosso pensamento ao afirmar que “isso se torna evidente nas restrições e exigências referentes às jogadoras de futebol, constantemente ameaçadas com rótulos de ‘sapatão’ ou de mulher macho”. Essa discriminação sexual é enfatizada pela família e reforçada pela escola, no trabalho e pela sociedade em geral. A acusação de homossexualismo é uma forte evidência do preconceito que na atualidade é retratada pela imprensa, através de permanente exigência de uma relação “heterossexual”.

6. Como foi (é) sua experiência de pertencer a comissão técnica no futebol?

- **É... eu, por gostar de esporte** e na minha graduação, quando você de fora, você não vê, mas quando você entra, você ver que tem várias áreas, vários caminhos específicos que você pode seguir... é pra você se especializar naquela área e eu achei por eu gostar tanto de esporte, por entender, de sempre fazer parte de minha vida, eu escolhi seguir essa área, estudar, é **eu pretendo trabalhar com marketing esportivo**, no futuro, e eu procurei meios de começar e me relacionar com essa área e que não tem, (...) tem pouco projetos, e ligados à área de esportes não tem nenhum, então eu vim aqui procurando o departamento de educação física, por meio de um amigo, **ele disse do projeto do UFRN na copa** e eu acabei participando desse projeto com (...) com outros colegas, é.., eu trabalhei na comunicação, fazia, o site, fazia as fotos do jogos das seleções de Futebol feminino e masculino, e acabou

me dando um pouco de experiência nessa área, (...) então participei (...) metade como voluntária, metade como bolsista, que já me deu outra visão (...), eu tive **a oportunidade de aprofundar os estudos nessa área** (...) eu nem tava imaginando assim, o assessor do Globo tinha saído do clube né? Ele estava procurando alguém, aí pediram recomendação aqui, porque eles participaram de um mini-curso e deram uma palestra de várias áreas aqui na UFRN, então (...) e o professor acabou indicando o meu nome, aconteceu tudo muito rápido, eu não esperava entrar nessa área tão cedo, até porque, um pouco... **pelo preconceito** que tem né? De serem mais homens que trabalham nessa área (...) **estou feliz né?** (...) tou viajando com o time, **sou a única menina do ônibus vão trinta pessoas, eu sou a única mulher, mas tou adorando(...)**

Kaline afirma que seguirá o caminho do marketing e teve a oportunidade de aprofundar os estudos no projeto “UFRN na Copa”. Será, então, que esse caminho não a levará para que mais tarde ela possa servir de incentivo ao futebol feminino em nosso Estado? Nas palavras de Ferreira (2013) oportunidade “refere-se às expectativas e perspectivas futuras de inserção, mobilidade e ascensão na carreira. Os profissionais com poucas oportunidades tendem a limitar suas aspirações a valorizar sua competência”.

3- Métodos- Tratou-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa e qualitativa. O Instrumento de coleta de dados foi através de questionário (Marconi e Lakatos, 1992). Perguntas com mais de três opções enumerada em ordem de preferência e perguntas abertas. Pesquisa-piloto que Lakatos (2001) classifica como pré-teste; em equipes atuais de futebol femininas em Natal – UFRN e Gravatá comunidade de Ceará Mirim/RN. Os dados da pesquisa foram coletados através de entrevistas semiestruturadas através de discursos pronunciados em várias formas de linguagens: escritas, orais, buscando os significados relacionados ao tema com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

.

4-Resultados e discussão

Serão expostos em três tópicos: identificação e descrição das participantes, visão atual do futebol feminino e motivos, razões da pouca representatividade das mulheres nas comissões técnicas do futebol.

4.1- A identificação é através do nome completo e sua profissão, enquanto que a descrição é através da ordem cronológica (trajetória de vida) das entrevistadas com foco em suas carreiras nos clubes.

Mulheres que atuam como técnica no futebol amador em Natal RN.

Lenira Santiago da Silva – técnica de futebol em um projeto no bairro Nossa Senhora da apresentação na Zona Norte de Natal, no campo do Bola Sete.

Mulheres que atuam nas comissões técnicas no futebol de alto rendimento em Natal RN.

Célia Cristina de Souza Dantas – Nutricionista do Globo Futebol Clube, onde é responsável pela coordenação da parte nutricional dos profissionais do futebol.

Karla Silvero Dias Pinheiro Siqueira – Nutricionista do América Futebol Clube, onde é responsável pela coordenação da parte nutricional do elenco profissional e juniores.

Kaline Oliveira Rodrigues – Assessora de comunicação do Globo Futebol Clube, responsável pela coordenação de marketing da equipe profissional de futebol.

Descrevendo suas trajetórias de vida

Lenira Santiago da Silva. Nascida em Açú\RN, no dia 11/05/1956, 59 anos, mãe de uma filha e avó de três netas, começou a jogar aos nove (9) anos de idade. Na década de 1960, lançou o futebol em Mossoró/RN. Jogou futebol e futsal, e ficou conhecida no meio por “Nega Pelé”. Vestiu as camisas do ABC, Amarante, Pinheiros, Mona mi, e tantos outros, mas a que lhe orgulha é a camisa do Sport Clube do Recife no qual, aos 26 anos, fez parte, naquela

época, da primeira competição de futebol feminina sob a organização da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Também é pioneira em todas as competições participando até 2007 como jogadora, defendendo o ABC em sua última participação oficial. Hoje, coordena e é treinadora no projeto: “O futuro de Natal, livro na Mão e bola nos pés”, na Zona Norte de Natal no bairro Nossa Senhora da apresentação no campo do Bola Sete.

Célia Cristina de Souza. Natalence, solteira, formada pela UFRN em nutrição e ativa no esporte, praticou durante a época escolar de natação, ginástica rítmica e handebol. Recém-formada, tem sua vida toda dedicada à sua profissão com uma jornada de trabalho que começa às 8h e termina às 17h, de segunda à sexta-feira. É responsável por toda a parte nutricional da equipe profissional do Globo Esporte Clube que representa o município de Ceará-Mirim no campeonato estadual e copa do Nordeste. Além disso é o seu primeiro emprego e está muito satisfeita com que faz.

Karla Silvero Dias Pinheiro Siqueira. Natalense, graduada em nutrição pela UFRN, com especialização, casada, mãe, seu interesse pela nutrição esportiva começou no atendimento aos desportistas. Assim, surgiu uma oportunidade de trabalhar com atletas profissionais de futebol, dos quais aceitou o desafio e, há 5 (cinco anos), é nutricionista do América Futebol Clube e tem uma jornada de trabalho dividida entre a clínica e o clube. Está sempre buscando aperfeiçoamento e, acima de tudo, está satisfeita com que faz.

Kaline Oliveira Rodrigues. Natalense, solteira, graduada em Comunicação Social (jornalismo e radialismo) pela UFRN, influenciada pela família à prática do esporte, começou muito cedo na escola, praticando o handebol, que não era o seu esporte predileto, pois sua paixão era o futebol. Ela chegou a fazer um abaixo-assinado na escola, reivindicando o direito de jogar o futsal nos jogos internos. Já na UFRN, como estudante, participou da equipe de futsal que representou nos jogos universitários brasileiro em Vitória, no Espírito Santo, e realizou seu sonho no projeto UFRN na copa, onde atuou como bolsista e voluntária no projeto que foi uma ponte para chegar ao Globo Esporte Clube, onde atua como coordenadora da assessoria de comunicação

daquela equipe profissional de futebol. No futuro, ela pretende trabalhar com marketing esportivo, pois está há mais de um ano no clube. “Viajo com o time, sou a única mulher, mas estou adorando.”

4.2- Visões atuais do futebol feminino

Os dois artigos em questão escritos no início do século XX, trazem revelações muito fortes de preconceitos, sendo que o segundo argumento bio-fisiológico hoje não se sustenta, apesar das mulheres serem diferentes fisiologicamente dos homens. O primeiro artigo revela uma inquietação esboçada em uma construção social de que o futebol não é lugar para o sexo feminino. Esta ação é reveladora das diferenças de sexo e gênero. O gênero humano é composto por homens e mulheres seguem em duas ordens que, Segundo Goellner (2000, p.82) são diferenças de sexo e diferenças de gênero. As diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam o ‘ser macho’ ou o ‘ser fêmea’. São diferenças hormonais, físicas, que reduzem sua capacidade devido possuir uma menor massa muscular, possuir um menor coração, menor volume sanguíneo total e menos hemoglobina além de apresentarem problemas de saúde tais como: interação de distúrbios alimentares, disfunção menstrual e densidade óssea reduzida (Kirkendall, 2014). As diferenças de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indicando papéis adequados aos homens e às mulheres, e, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade: a forma de vestir, as atitudes esperadas de um e de outro, as profissões que são valorizadas para homens e para mulheres, entre outras (Goellner, 2000, idem p. 82-83). De onde surgiu essa criação, essa invenção, essas diferenças que nos caracterizam dando-nos rumos, caminhos e descaminhos são construídos ao longo da história da humanidade? Para Stearns (2007, apud ELISA & SOARES, 2011, p. 183-84) surgiu com a formação de uma sociedade patriarcal, vindo desde o domínio da agricultura com novas formas de ter aquele mundo compreendido, dando ao homem uma condição de provedor e à mulher a função materna.

O deslocamento da caça e coleta para a agricultura pôs fim, gradualmente, a um sistema de considerável igualdade entre homens e mulheres. Na caça e na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados,

contribuíram com bens econômicos importantes. À medida que os sistemas culturais, incluindo religiões politeístas, apontavam para a importância de deusas, como geradoras de forças criativas associadas com fecundidade e, portanto, vitais para a agricultura, a nova economia promovia uma hierarquia de gênero maior. Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior parte dos alimentos. (Stearns, 2007, p. 31-32). Essa maneira de descortinar, de ver o caminho aberto, o homem enxerga nele próprio um líder “natural” que se constituiu à frente nos comandos dos cargos de liderança nas empresas e clubes de futebol. No Brasil, a mulher há muito tempo caminha na busca de oportunidades no campo do trabalho esportivo como atleta, psicóloga, nutricionista de equipes futebolistas, arbitra técnica, preparadora física, dirigente, quando se trata da participação das mulheres nesse espaço como jogadora de futebol tem acontecido, todavia não há na mesma proporção uma representatividade no comando das comissões técnicas dos clubes futebolista feminino e masculino. Estudos apontam (Elisa & Soares, 2011; Ferreira et al, 2013) que no Rio de Janeiro, enquanto centenas de homens são treinadores em clubes, somente 34 mulheres atuam nas comissões, sendo que 22 delas estão nas categorias de base. Outro exemplo, no último campeonato brasileiro de futebol feminino (2014) entre 20 equipes participantes, nas comissões compostas por técnico, auxiliar técnico, preparador (a) físico (a), médico(a) e massagista demonstrou-se a representatividade de 3 técnicas, 4 auxiliares técnicas, 2 preparadoras física, 2 médicas e 5 massagistas. Por conseguinte, a própria CBF instituição máxima do futebol brasileiro tem na seleção principal de futebol feminina toda a comissão técnica composta por homens (2014\2015), enquanto que na seleção sub-15, apenas uma mulher (Emily Lima), está no comando técnico. Esse fato possui grande evidência: ainda que a participação feminina esteja ampliada, os cargos de decisão, como de dirigentes e treinadores são predominantemente masculinos (Elisa & Soares, idem, 2011). Ainda há muitas restrições à mulher no comando das comissões técnicas dos clubes no Brasil seja nos times de formação na base, seja nos clubes profissionais ou amadores.

4.3- ANÁLISES E MOTIVOS / RAZÕES DA POUCA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NAS COMISSÕES TÉCNICAS DO FUTEBOL.

Os motivos e razões apresentados mostram os empecilhos que as mulheres, as que ainda atuam nas comissões técnicas do futebol amador ao alto rendimento, terão que enfrentar. Fazem parte desse enfrentamento: o preconceito, as desigualdades de oportunidades, o desconhecimento científico, diferença de gênero, as relações indevidas de força e potência com virilidade e masculinidade, além da mídia que não dá a atenção na mesma proporção que dá aos homens. As mulheres, nas comissões técnicas, estejam elas atuando no amador (escolas, clubes comunitários, etc.) dispõem de pouco investimento; salários mais baixos; discriminação; estereótipos da maternidade; esposa como submissa e não como parceira. Frente a todos esses percalços, elas acabam aceitando e incorporando a dominação masculina, excluindo-se do processo. A supremacia do comando nas comissões técnicas do futebol no RN pelos homens em detrimento das mulheres, só corrobora com as desvantagens e acaba gerando a falta de oportunidades para elas. As mulheres técnicas no futebol amador do RN e as comissões técnicas de alto rendimento consistem em uma minoria simbólica, sofrendo com a falta de poder para atuar e para gerar espaço para outras mulheres (FERREIRA et. al, 2013). Mesmo sofrendo com a discriminação, as que atuam nas comissões técnicas do amador e do alto rendimento, tem-se sustentado na sua missão profissional em detrimento de sua vida pessoal.

Contudo, acreditamos que a baixa representatividade feminina na busca da direção nas comissões técnicas no futebol do RN, acontece devido a uma complexidade implícita em vários fatores. Apontamos como fatores determinantes: o preconceito, a falta de investimentos e as desigualdades de oportunidades. Impedindo que elas possam inserir-se e crescer na carreira. Pelo fato de as protagonistas deste estudo ser um assunto recente, elas vêm se mantendo por alguns anos nas comissões técnicas, apesar da mudança rápida existente nas equipes de alto rendimento, o que comprova a competência profissional delas. E, se a mulher pode ser técnica no futebol de alto rendimento no RN? Sim, porém, é ainda um caminho a percorrer e que

dependerá do seu talento, de sua motivação, da vontade estudar e de se qualificar, entregando-se e conquistando o espaço que lhe é de direito.

5 – Considerações finais

A história do futebol Brasileiro é predominantemente masculinizada, que vai do orgulho ao preconceito de gênero de uma forma inconsciente ou consciente.

Na expressão de Daolio (1997, p. 120) “o futebol é além de tudo isso um fenômeno social que retrata e expressa à própria sociedade brasileira, é o espelho social brasileiro na magnitude e contradições”.

As publicações têm demonstrado pouca representatividade de mulheres em cargos das comissões técnicas de futebol pelo Brasil. Esporadicamente, alguns blogs ou jornais regionais trazem em seu título noticiários sobre o fato de alguma mulher ter ocupado o cargo em comissões técnicas de alguma equipe de futebol, principalmente nas equipes profissionais.

Então, à falta de produção e sistematização de dados sobre a temática, havendo poucos estudos sobre o futebol no Brasil em relação ao feminino, e que todo um cabedal de memória, História, principalmente nos anos 1980 e 90, sobre a ascensão do futebol feminino no RN. A supremacia do comando nas comissões técnicas do futebol no RN pelos homens em detrimento das mulheres, só corrobora com as desvantagens e acaba gerando a falta de oportunidades para elas. As mulheres técnicas no futebol amador do RN e as comissões técnicas de alto rendimento consistem em uma minoria simbólica, sofrendo com a falta de poder para atuar e para gerar espaço para outras mulheres (FERREIRA et. Al, 2013)

Contudo, acreditamos que a baixa representatividade feminina na busca da direção nas comissões técnicas no futebol do RN acontece devido a uma complexidade implícita em vários fatores. Apontamos entre esses fatores determinantes: o preconceito, a falta de investimentos e as desigualdades de oportunidades, porém elas vêm se mantendo por alguns anos nas comissões técnicas, apesar das mudanças rápidas existentes nas equipes de alto rendimento.

Este estudo servirá para uma reflexão social sobre, a sociedade atual, e poderá contribuir para um diálogo mais amplo na questão de gênero, psicologia, educação, mas com o intuito de não querer que o tema se esgote.

REFERÊNCIAS

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (org.). *Futebol: Paixão e Política*. In: **pode a mulher praticar futebol?** GOELLNER, Silvana Vilodre. p. 79-93, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CASTELLANI FILHO, LINO. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. Campinas. Papyrus 1988. (Coleção Corpo & Motricidade).

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUHNS, Heloisa Turina. *Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as Gingas do Corpo Brasileiro*. In: **Sobre o futebol – sobre a participação feminina**. P. 73-83. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BORGES, F.N.C. et al. **Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino**. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n.01, p.105-131. Jan\Abril, 2006.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. *Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola*. In: **Futebol feminino em seu contexto**. p. 47-51. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

_____. **Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica**. UNESP: Matriz 2002.

DEVIDE, P. F.et al. **Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz, Rio Claro, v.17, n.1, p. 33-103. Jan\ Março 2011.

DUARTE, Constância Lima (org.) et al. **Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte**: UFRN\CCHLA, 1994. (Coleção Humana Letras)

FRANZINI, FÁBIO. **Futebol é “ Coisa para Macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Rev. Bras. Hist. vol. 25, nº 50. São Paulo. Jul/Dez, 2005.

FERREIRA, J. H. et al. **A baixa Representatividade de Mulheres como Técnica Esportiva no Brasil**. Movimento, Porto Alegre, v.19, n.03, p. 103-124. Jul/Set, 2013.

_____. **O Percurso de Mulheres como técnicas Esportivas no Brasil**. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e Esporte em Perspectiva: Mulher e Esporte no Brasil: Entre Incentivos e Interdições elas fazem história**. Texto proferido na conferência “Mulher em Perspectiva”, organizada pelo SEBRAE em Brasília com participação do Ministério do Esporte. Março de 2004.

_____. **Bela, Maternal e Feminina: Imagens de Mulher na Revista Educação Physica**. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1999.

_____. **Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo. v.19, n.2, p.43-51, abr/jun, 2005, 143.

LIMA, Ferreira Antônio. **Mulheres e Organizações Masculinizadas: Em busca de um Espaço Organizacional Propício a Convivência Harmônica entre Homem e Mulheres**. União Educadora de Brasília. s/d.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Andrade, Marina de. **Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

_____, Eva Maria. MARCONI, Andrade, Marina de. **Técnicas de Pesquisa**. In: **Fundamento de Metodologia Científica**. p. 201, 4 ed. São Paulo: Atlas, 288p, 2001.

MARINHO, Márcia. *Natal também civiliza-se: Sociabilidade, Lazer e Esporte na Belle Époque natalense*. In: **Velocidade e Força: o Esporte Modelando a Imagem do homem Moderno**. p. 119-153. Natal, RN: EDUFRN,2011.

NÓS DO RN, Suplemento – Diário Oficial do RN. **Rompendo Barreiras: O Brilho do Futebol Feminino**. Anchieta Fernandes. Ano II n.19, p.09. Junho 2006.

OLIVEIRA, Gabriela. A. S. **Representações Sociais de Mulheres Técnicas sobre o Comando de Equipes Esportivas de Alto Nível**. Dissertação de Mestrado – Rio de Janeiro: UGF, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2002.

_____, TEIXEIRA, A. P. O. **Trilhando um Novo Caminho a Gestão Esportiva**. Niterói, v. 10, v.1, p. 101-119. 2º semestre, 2009.

RUBIO, Katia (Org.). *As Mulheres e o Esporte Olímpico Brasileiro*. In: **Atleta, O técnico. O atleta, a técnica-treinadores e atletas: questões de liderança e gênero**. Martins da Silva, ELISA & SOARES DA SILVA FETTER, Julio Cesar. p. 183-200. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011(Coleção Psicologia do esporte).

_____. **Quem pode? Quem quer poder? Quem diz que pode? Políticas de cotas para mulheres em federações confederações esportivas brasileiras**. Nascimento P., Bella, Alexandre Demarchi, Frascareli, Ligia Silveira. p. 201-217. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011(Coleção Psicologia do esporte).

SANTOS, B. L et al. **Mulher no Esporte: Uma visão Sobre a Prática no Futebol Feminino**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. v. 7, n. 03, 2008.

SILVA, I. L. **A mulher no Esporte: Desvelando o futsal feminino na UFRN**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Monografia, 88f.). Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Natal, 2001.

SOUZA, G.C de. Mourão L. **Judô Feminino Brasileiro da Oficialização do Judô Feminino ao Ouro Olímpico:** Narrativas de uma Treinadora. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2012.

TEROSSI, M.B. et.al. **Futebol e Gênero:** A Visão Nacional sobre a Prática do futebol entre as mulheres. Anuário da produção Acadêmica Docente. vol. III, nº 4, ano 2009. p.131-146.

UNZELTE, Celso Dario. *O Livro de Ouro do Futebol.* In: **Cap. 6. Tática e Outros tipos de Futebol: Futebol Feminino.** p. 673-74. Rio de Janeiro. Ediouro 2009.

VIEIRA, Silvia Marta, FREITAS, Amando. **O que é Futebol.** p. 104-110. Rio de Janeiro. Casa da Palavra: COB, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE/UNI-RN
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO FUTEBOL: DA INICIAÇÃO AO
ALTO RENDIMENTO.

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA BUSCA DO COMANDO NAS
COMISSÕES TÉCNICAS NO FUTEBOL DO RN.

Orientador: Prof. Dr. João Roberto Liparotti - UFRN

Orientando: José Francisco da Costa - UNI- RN

Data de Nascimento ____ \ ____ \ ____ Idade _____ Profissão _____

Grau de Instrução _____. Sexo _____

Estado Civil () Solteira () Casada Outro _____ Renda _____

1. O que representa o Futebol para você

() lazer () liberdade () saúde () paixão () outra

2. Como surgiu o seu interesse em jogar futebol?

() inspiração nos craques () prazer pessoal () influência da família

() profissional () outra _____

3. Quais os principais problemas do futebol feminino no Estado?

() dirigentes dos clubes \ federações () falta de investimento

() falta de interesse das mulheres () falta de eventos pelos órgãos públicos

() não tenho opinião a respeito.

4. Em sua opinião: quais as causas principais de pequeno número de mulheres nas comissões técnicas em equipe de futebol?

() preconceito contra mulher () por falta de formação específica () falta de confiança dos dirigentes () outra _____

5. Já ouviu frases do tipo:

() “vai ficar masculinizada” () “mulher é pra dançar”

() “lugar de mulher é na cozinha/ tanque” () “futebol é pra homem e não mulher” () outra _____

6. Como foi (é) sua experiência de pertencer a comissão técnica no futebol?

() desafiadora () fui atleta () responsável () na Educação Física na escola () outra _____

7. Como você se relaciona com os meninos (as) no comando técnico de futebol?

() chefe () educadora () mãe () técnica

8. Pode uma mulher ser técnica de futebol no RN?

() sim () não Qual motivo? _____

() não tenho opinião a respeito Algum motivo especial? _____

9. Conhece alguma equipe no futebol feminino no RN?

10. Conhece alguma futebolista brasileira?

11. Conhece alguma treinadora no futebol profissional, inclusive no amador do RN? _____

12. Cite três países que se destacam mundialmente no futebol feminino

13. A rede de voleibol feminina em tamanho é mais baixa (2.24m) que a masculina (2.44m). No futebol, a trave, tamanho do campo, não deveria ser menor para o futebol feminino?

() sim () não por quê? _____

14. você conhece equipes no Campeonato brasileiro de futebol feminino?

Quais?

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE/UNI-RN
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO FUTEBOL: DA INICIAÇÃO AO
ALTO RENDIMENTO
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA BUSCA DO COMANDO NAS
COMISSÕES TÉCNICAS NO FUTEBOL DO RN**

TERMO DE CONSENTIMENTO

O meu nome é José Francisco da Costa e sou Licenciado pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte em Educação Física (licenciatura). Neste âmbito, estou a realizar uma investigação para o Curso de Especialização em Metodologia do Futebol: da Iniciação ao Alto Rendimento, sobre o Futebol Feminino, mais especificamente sobre a representatividade feminina na busca do comando nas comissões técnicas no Futebol do RN, sob a orientação do Professor Dr. João Roberto Liparotti (UFRN).

A sua colaboração neste trabalho consistirá em responder um questionário e numa entrevista individual sobre o seu percurso de vida e sobre a forma como o futebol lhe influenciou, principais problemas do futebol feminino no Estado, causas principais do pequeno número de mulheres nas comissões técnicas de equipe de futebol e conhecimento de cultural geral sobre o futebol feminino. Os dados recolhidos serão analisados e publicados em atividades de natureza académica.

Com o intuito de facilitar o registro dos dados da entrevista gostaria de obter a sua autorização para gravar, em áudio, a entrevista.

Tem o direito de parar a entrevista a qualquer momento e de não responder a questões que não queira. Não existem respostas corretas ou incorretas, apenas pretende-se conhecer as suas opiniões e relatos sobre a sua experiência de vida.

Aceito participar na investigação, fazendo a entrevista, e autorizo a gravação áudio da mesma.

Natal RN, _____ de _____ de 2015

(Assinatura da entrevistada)

(Assinatura do (a) entrevistador(a))